

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

NOVOS DADOS SOBRE AS OCUPAÇÕES NEOLÍTICAS DO CENTRO DE LISBOA

Helena Reis¹, Tiago do Pereiro², Nelson Cabaço³, Rui Ramos⁴, António Valera⁵

RESUMO

No presente texto apresentam-se, de forma preliminar, novos dados sobre a ocupação do Neolítico Antigo do sítio do Palácio dos Lumiares (Bairro Alto) resultantes de novas escavações (agora no Palácio Ludovice), assim como os dados relativos a um novo contexto com ocupações aparentemente contemporâneas localizado no Campo dos Mártires da Pátria (Palácio José Vaz de Carvalho).

Palavras-chave: Neolítico Antigo, Lisboa, Pré-História Recente.

ABSTRACT

The present paper presents a preliminary data from the Early Neolithic site of Palácio dos Lumiares (Bairro Alto) obtained in recent excavations (now in Palácio Ludovice), as well as data from a new site, apparently contemporaneous, located in Campo dos Mártires da Pátria (Palácio Vaz de Carvalho).

Keywords: Early Neolithic, Lisbon, Recent Prehistory.

1. INTRODUÇÃO

O conhecimento da Pré-História do território da actual cidade de Lisboa confronta-se com o problema de um urbanismo que, ao longo dos séculos, foi crescendo, alterando topografias e destruindo ou tornando inacessíveis as evidências arqueológicas dessas ocupações mais longínquas no tempo. É, pois, natural que nos mapas de vestígios arqueológicos deste território a Pré-História Recente esteja sob representada, tanto mais que as condições ecológicas da desembocadura do Tejo seriam atractivas para as comunidades humanas. Nos últimos anos, contudo, e devido ao incremento de projectos de intervenção de arqueologia preventiva e de salvamento realizados no âmbito da reabilitação de imóveis, alguns contextos pré-históricos têm vindo a ser identificados e intervencionados no casco urbano da cidade, contribuindo para a progressiva reconstituição da ocupação deste território nas suas fases pré urbanas.

É o caso de duas intervenções realizadas pela Era Arqueologia S.A. em 2017 e cujos resultados preliminares agora se apresentam. A primeira no Palácio Ludovice, na Rua de São Pedro de Alcântara, onde se identificou a continuação do sítio do Neolítico Antigo anteriormente identificado no Palácio dos Lumiares e Travessa da Boa Hora/Rua do Diário de Notícias (Valera, 2006; Valera *et al.* 2008); a segunda no Palácio José Vaz de Carvalho no Campo dos Mártires da Pátria, onde igualmente se identificaram evidências de ocupação durante o Neolítico Antigo, mas também Calcolítico (Figura 1).

2. PALÁCIO DO LUDOVICE

O Palácio Ludovice corresponde a um quarteirão situado na Rua de São Pedro de Alcântara (nascente), Rua do Diário de Notícias (poente), Travessa da Boa Hora (sul) e Travessa da Cara (norte). Intervencionado no âmbito de uma remodelação imobiliária, este edifício viria a revelar em vários dos seus

1. ICArEHB; hreis928@gmail.com

2. Era Arqueologia SA; tiagopereiro@era-arqueologia.pt

3. Era Arqueologia SA; nelsonCabaco@era-arqueologia.pt

4. Omniknos Lda.; ruiamos@omniknos.pt

5. Era Arqueologia SA.; ICArEHB; antoniovalera@era-arqueologia.pt

compartimentos vestígios de uma ocupação datável do Neolítico Antigo, que corresponde ao prolongamento para norte da ocupação já anteriormente identificada no vizinho Palácio dos Lumiares (Valera, 2006) e Travessa da Boa Hora/Rua do Diário de Notícias (Valera *et al.*, 2008) (Figura 2).

A estratigrafia identificada revelou-se semelhante à observada anteriormente, correspondendo a um paleosolo de cor cinzento escuro assente sobre os depósitos miocénicos das Areolas da Estefânia e coberto por um coluvião de sedimentos finos de cor castanho claro. Tal como no Palácio dos Lumiares e Travessa da Boa Hora, este coluvião embalava grande quantidade de materiais atribuíveis ao Neolítico Antigo, resultado da erosão de parte do próprio sítio numa área situada mais a norte e acima na vertente (direcção Príncipe Real), misturados com materiais de épocas posteriores. No que a estes respeita, destaque para um punhal ou pequena alabarda, com três rebites, integrável na Idade do Bronze (Figura 3). Apenas nas sondagens 7 e 3 (Figura 2) o paleosolo foi sondado, tendo-se registado na sondagem 7 (cujo compartimento dá para a Travessa da Boa Hora) um conjunto de estruturas: um pequeno buraco de poste sub-rectangular (Fig. 4:1), uma estrutura de lareira com dois níveis (Fig. 4:2 e 4:4) e um pequeno fosso ou canal (a extensão abrangida pela sondagem não permite ser conclusivo) escavado nos depósitos miocénicos e preenchido por um sedimento idêntico ao do paleosolo, apresentando, no seu topo e do lado Oeste, uma concentração alongada de material lítico e cerâmico (Figura 4:3).

2.1. A componente cerâmica

A cerâmica apresenta-se muito fragmenta e erodida devido a lixiviação, tal como já acontecia com a cerâmica do Palácio dos Lumiares, facto que dificulta a reconstituição formal e dos padrões decorativos. Estão presentes formas esféricas com bordos exvertidos e fragmentos de asas e aplicações plásticas. Nas decorações foi possível registar fragmentos com bandas de impressões unguladas ou traços impressos separados por linhas incisivas, reticulado obtido por linhas incisivas com pequenos traços impressos perpendiculares no intervalo das linhas, um motivo impresso de filiação cardial (Fig. 6) e um fragmento com motivos em falsa folha de acácia.

2.2. Indústria lítica talhada

Relativamente à indústria lítica procedeu-se à aná-

lise preliminar dos materiais em pedra lascada, através de amostragem, proveniente das U.E's [731], [723], [728], [722] e [724], correspondentes às estruturas arqueológicas identificadas na sondagem 7. Esta análise preliminar consistiu na classificação por categorias e subcategorias tecnológicas dos materiais, segundo a matéria-prima, totalizando 814 elementos. A distribuição do número de elementos em pedra lascada por estrutura arqueológica é a seguinte: [722] n=215, [723] n=15, [724] n=64, [728] n=6, [731] n=469.

Neste conjunto foram identificadas todas as fases da cadeia operatória, encontrando-se atestado o talhe no local através da presença de peças com vestígios corticais, de material de preparação/reavivamento e residual. Surgiram, igualmente, evidências da realização de tratamento térmico (presença de peças queimadas (*potlid* e *crazing*)) (Tabela 1).

A categoria tecnológica com maior representação no conjunto corresponde ao material residual (36%), seguido dos produtos debitados (32%) e dos utensílios (22%). As restantes categorias apresentam percentagens residuais (material de preparação e reavivamento – 3%, núcleos – 2% e peça esquirolada – 0,13%) (Tabela 1 e Figura 5).

A matéria-prima preponderante em todas as categorias tecnológicas é o sílex. A utilização do quartzo leitoso encontra-se atestada, constituindo, este, o segundo tipo de matéria-prima mais utilizada no sítio. Todas as matérias-primas se encontram disponíveis num raio inferior a 3kms, tendo sido já referida para este sítio a jazida de sílex de Campolide (a cerca de 2,5 para Noroeste), como potencial fonte mais próxima (Valera, 2006). A preponderância do sílex em toda a utensilagem, quer sobre suportes alongados, quer sobre lascas, indica uma estratégia de aprovisionamento de matéria-prima com boa aptidão para o talhe (sílex), e o aproveitamento residual de outras rochas de menor aptidão (ex. quartzo). Desta sondagem é proveniente um total de 16 núcleos para lamelas e lascas, onde foram observadas, sobretudo, negativos de extracções bidireccionais (6) e unipolares (4). Dentro do conjunto de material de preparação e reavivamento (3,25%) foram incluídas 11 peças com córtex, sete *tablettes* e sete flancos de núcleos. O material residual é maioritariamente constituído por fragmentos de sílex. O conjunto de produtos debitados é constituído sobretudo por lascas (66%) e lamelas de sílex (30%), encontrando-se as lâminas pouco representadas (4%) (Figura 5).

A utensilagem é constituída maioritariamente por peças com traços de utilização (60%) (lamelas – 27; lascas – 62, lâminas – 8), seguida de utensilagem de fundo comum (23%) (raspadeiras, furador, lascas e lâminas retocadas). Outras categorias de utensilagem foram identificadas, tais como retoques sobre fragmentos (6%), lamelas retocadas (6%) e outros (2%). A representatividade dos geométricos no conjunto é baixa, encontrando-se apenas registados três exemplares em sílex (dois segmentos e um trapézio). A utilização da técnica de fracturação por golpe de micro-buril encontra-se atestada através da presença de uma lamela com resíduo deste golpe. As tipologias referidas vão de encontro ao que foi já mencionado para os conjuntos artefactuais provenientes de outras sondagens (*vide* trabalhos anteriores no Palácio dos Lumières, Valera, 2006 e Travessa da Boa Hora, Valera *et al.*, 2008).

Sobre os materiais em pedra lascada, recuperados na área ocupada pelo Palácio dos Lumières, foram realizadas análises traceológicas (Ferreira, 2016) que indicam o trabalho sobre uma vasta gama de matérias-primas, maioritariamente animais (trabalho de pele (fresca e seca), corte da carne/peixe, osso, madeira e cereais). Verificou-se, ainda, um baixo grau de utilização da utensilagem, que se justifica, possivelmente, com a proximidade às fontes de matéria-prima. A prática de actividades cinegéticas encontra-se atestada através da presença de segmentos com fracturas de impacto de projétil (Ferreira, 2016).

Para além destes elementos atrás referidos, foi registada uma peça esquirolada em sílex e 37 fragmentos indeterminados (produtos debitados).

Por último, foram recuperados 42 seixos, três termoclastos em quartzito e um fragmento de polidor (Figura 6). Do coluvião, destaca-se a presença de quatro fragmentos (dois de enxó e dois de mó) e diversos furadores sobre lasca e lamela.

Em suma, no conjunto analisado, verificou-se uma debitagem direccionada para a produção de lascas, ao contrário do que foi verificado para as áreas contíguas, onde a debitagem lamelar é dominante. Tal poderá dever-se ao facto do conjunto presentemente estudado ser de menor dimensão e corresponder a uma amostra proveniente de estruturas arqueológicas específicas, não sendo representativo da globalidade da indústria presente no sítio.

3. PALÁCIO JOSÉ VAZ DE CARVALHO (JVC)

O Palácio José Vaz de Carvalho corresponde ao quarteirão delimitado a nordeste pela travessa com o mesmo nome, a Sudeste pelo Campo dos Mártires da Pátria, Sudoeste pela Alameda de Santo António dos Capuchos e a Noroeste pela Travessa das Recolhidas. Sob aterros recentes (modernos/contemporâneos) no logradouro do palácio identificou-se um depósito silto-argiloso que assentava nas Areolas da Estefânia (Miocénico), nas quais se encontravam escavadas várias valas de origem antrópica (Fig. 7) e uma fossa (cobertas pelo referido depósito), nas quais se concentravam materiais de cronologia pré-histórica, ainda que de épocas distintas, resultado de um preenchimento em que também intervieram episódios coluvionares difíceis de discriminar estratigraficamente (Figura 7).

3.1. Componente cerâmica

A cerâmica apresenta-se muito fragmentada e erodida, impedindo uma adequada reconstituição de formas e padrões decorativos. Estão presentes alguns elementos característicos de cerâmicas neolíticas, nomeadamente elementos de preensão. Os fragmentos em que ainda é possível observar restos decorativos são apenas cinco. Correspondem a um bordo e dois bojos com caneluras paralelas, um fragmento com decoração campaniforme através de pontilhado e um fragmento com reticulado e linhas paralelas (Figura 8).

3.2. Indústria lítica

Foram analisados os materiais em pedra lascada provenientes dos depósitos de enchimento das estruturas negativas (EN14 [14024], EN 15 [14035], EN 16 [14037], EN 17 [14042], EN19 [14040], [14021]) e alguns que, por percolação, se infiltraram no depósito miocénico [14000].

A matéria-prima dominante no conjunto é o sílex, encontrando-se igualmente presente o quartzito leitoso e o quartzito. No conjunto encontram-se presentes elementos integrantes de todas as fases da cadeia-operatória, inclusive nódulos de sílex, com alguns levantamentos, indicando o talhe da pedra no local. Neste conjunto de pedra lascada é frequente a presença de sílex com evidências de meteorização química, principalmente nos materiais da U.E. [14024]. Da [14024] são provenientes alguns núcleos (fragmento, núcleos sobre lasca, prismáticos e globular),

para lascas e lamelas em sílex e núcleos em quartzo (um deles sobre seixo rolado), materiais residuais (fragmentos de talhe, alguns queimados, em sílex e quartzito e uma esquirola), material de preparação e reavivamento (*tablettes*, fragmentos corticais de quartzo, peças com córtex), produtos debitados (lascas em quartzo, sílex e quartzito, lamela, lâminas em sílex (algumas queimadas) e utensílios (raspador, lascas retocadas em sílex e quartzo leitoso, lascas com traços de utilização). Para além destes surgiu, ainda, um bloco de sílex com levantamentos, um seixo rolado de quartzo e um seixo de quartzito anguloso.

A [14021] forneceu núcleos em sílex (núcleo globular queimado, núcleo prismático para lamelas, núcleo de lascas, núcleo bipolar), material de preparação e reavivamento (flanco de núcleo), material residual (fragmentos, alguns queimados), produtos debitados (lascas em sílex e quartzo, lâminas) e utensílios (raspadeira, raspador, lamelas e lascas retocadas e uma lamela com “brilho de cereal”).

Da [14035] são provenientes núcleos em sílex (núcleo fragmentado, núcleos sobre lasca, núcleo bipolar, núcleo prismático, núcleos sobre lascas bidireccionais, núcleo de lascas bipolar sobre bigorna, núcleo informe, multipolar, núcleos sobre seixo de quartzito, e em quartzo (bidireccional-cruzado), núcleo bidireccional prismático, cruzado, núcleo em quartzito rosado (grão médio), de onde foram extraídas lascas e lamelas. Foi, igualmente registado, um conjunto de material de preparação e reavivamento (flanco de núcleo, peças com córtex e *tablette*), material residual (restos de talhe, em quartzo e sílex). Relativamente aos produtos debitados foram identificadas lascas em sílex, quartzo e quartzito (algumas corticais), lâminas, lamelas. O grupo dos utensílios é constituído por lascas retocadas, lâmina com lustre de cereal, lamela retocada, denticulados sobre lasca, utensílio sobre *tablette* e lascas com traços de utilização. Para além destes foi identificado um nódulo de sílex com córtex queimado, seixos de quartzo e sílex (córtex rolado) e seixo testado de sílex. Algum do material apresenta tratamento térmico, tendo sido verificada, igualmente, a presença de peças queimadas.

A [14037] forneceu um seixo testado de sílex, núcleos (fragmentos de núcleos, núcleos de lascas em quartzo, núcleo informe de debitação aleatória e núcleo prismático em sílex), material de preparação e reavivamento (flancos de núcleos, alguns com

tratamento térmico, fragmentos de descorticação em sílex, restos de talhe em sílex e fragmentos de quartzo de grande dimensão), produtos debitados (lascas, lamelas, lâminas e lascas de quartzo e quartzito) e utensílios (núcleos raspadeira, lascas com retoques atípicos bifaciais, lasca retocada e um fragmento de seixo de quartzito. Verificou-se a presença de elementos queimados e de tratamento térmico sobre alguns utensílios. Por último, foi identificado um fragmento de polidor.

Na U.E. [14042] foi recuperado um crescente em sílex, assimétrico com esquirolamentos na base maior, junto à extremidade, uma lâmina, duas lascas com tratamento térmico excessivo, denticulado, fragmentos de talhe e lascas.

Na U.E. [14000] foi recuperado um núcleo informe, uma lasca em sílex com retoque/traços de utilização, lascas, lâmina e fragmentos indeterminados.

Finalmente, na U.E. [14040] foram recuperadas lascas em sílex, lascas de quartzito e quartzo e fragmentos de talhe em sílex (Figura 9). Das restantes U.E.'s destaca-se a presença de um machado em pedra polida fracturado e alguns fragmentos de mó.

Assim, no conjunto da pedra talhada pode referir-se a presença de materiais atribuíveis a uma ocupação do Neolítico Antigo, como os núcleos prismáticos para lamelas, geométricos crescentes, uma forte componente micro laminar (nomeadamente núcleos de micro lamelas), presença de tratamento térmico, associados a um numeroso conjunto de elementos sem cronologia diagnóstica tais como os núcleos de lascas, alguns produtos debitados e utensilagem. A leitura do conjunto de dados disponíveis até ao momento, nomeadamente resultantes da abordagem preliminar aos materiais presentes nas várias U.E.'s, não revelou diferenças ao nível das categorias tecnológicas/tipologias presentes. Contudo, a mistura que se verifica ao nível da componente cerâmica, onde elementos atribuíveis ao Calcolítico se misturam com elementos atribuíveis ao Neolítico Antigo sugerem que o mesmo poderá ocorrer no que à pedra talhada respeita, ainda que não se tenham registado elementos diagnósticos de períodos mais recentes (como grandes lâminas, pontas de seta, geométricos trapézios, etc.).

4. CONCLUSÕES

As intervenções realizadas, juntamente com as efectuadas na Encosta de Sant'Ana (Muralha, Costa,

2006) vêm reforçar a imagem de uma importante ocupação do Neolítico Antigo em torno ao esteiro do Tejo que ocupava a Baixa Lisboa com prolongamentos pelos vales das actuais avenidas da Liberdade e Almirante Reia/Rua da Palma (Moitinho de Almeida, 2004).

Se a intervenção no Palácio Ludovice veio demonstrar que, tal como já havia sido admitido (Valera, 2006; Valera *et al.* 2008), o sítio identificado no Palácio dos Lumiares e Rua do Diário de Notícias/Travessa da Boa Hora se prolongava para norte, revelou também novas estruturas, entre as quais se encontra um possível fosso/valado coberto pelo paleosolo e por uma estrutura de lareira.

Já a intervenção no Palácio José Vaz de Carvalho veio alargar para Norte, para o planalto interflúvio do Campo dos Mártires da Pátria, as ocupações em torno ao esteiro, situando-se a cerca de 800m a noroeste do sítio da Encosta de Sant'Ana.

Em ambos os casos, porém, presenças artefactuais indiciam ocupações mais tardias destes mesmos espaços, cuja natureza é ainda desconhecida. É o caso da presença de cerâmica calcolítica (nomeadamente campaniforme) no Campo dos Mártires da Pátria e de um elemento metálico (punhal/pequena alabarda) no coluvião do Palácio Ludovice.

Estes contextos vêm igualmente reforçar a ideia de que a urbanização moderna da cidade não obliterou na totalidade ocupações mais antigas, inclusivamente pré-históricas. De facto, vai sendo demonstrado que a forma construtiva dos alicerces dos grandes edifícios setecentistas e oitocentistas e a existência de pátios e jardins internos permitiu a preservação de estratigrafias antigas entre valas de fundação e alas de edifícios. Facto que deverá ser tido em conta em futuras obras a realizar em edifícios adjacentes aos agora intervencionados, mas também noutras zonas da cidade onde esta arquitectura ainda perdura. A identificação deste tipo de contextos, mesmo que parcialmente intervencionados, com níveis de caracterização díspares e diferentes estados de preservação, vai contribuindo para o conhecimento da ocupação do actual território da cidade de Lisboa ao longo da Pré-História, ao mesmo tempo que sublinha a contribuição da arqueologia preventiva e de minimização para esse mesmo conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

FERREIRA, Ângela (2016) – Palácio dos Lumiares e Encosta de Sant'Ana: análise traceológica. Resultados preliminares. IN (coord.) DINIZ, M; NEVES, C., MARTINS, A.; O Neolítico em Portugal antes do Horizonte 2020: Perspectivas em debate. *Monografias*, 2. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 79-86.

MOITINHO DE ALMEIDA, Isabel (2004) – Caracterização geológica do Esteiro da Baixa. *Monumentos*, 21, pp. 152-157.

MURALHA, João; COSTA, Cláudia (2006) – A ocupação neolítica da Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa). BICHO, N.; VERÍSSIMO, H., eds – Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica. Actas do IV congresso de arqueologia peninsular, Faro, 14 a 19 Setembro de 2004. Faro: Universidade do Algarve (*Promontória Monográfica*, 04), pp. 15-169.

VALERA, António Carlos (2006) – O Neolítico da desembocadura do Paleo Estuário do Tejo: dados preliminares do Palácio dos Lumiares (Bairro Alto, Lisboa). *Era Arqueologia*, 7. Lisboa, pp. 86-108.

VALERA, António Carlos; COELHO, Manuela; FERREIRA, Ângela (2008) – Novos dados sobre a ocupação neolítica do Bairro Alto (Lisboa): intervenção na travessa da Boa Hora. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 2. Lisboa, pp. 7-12.

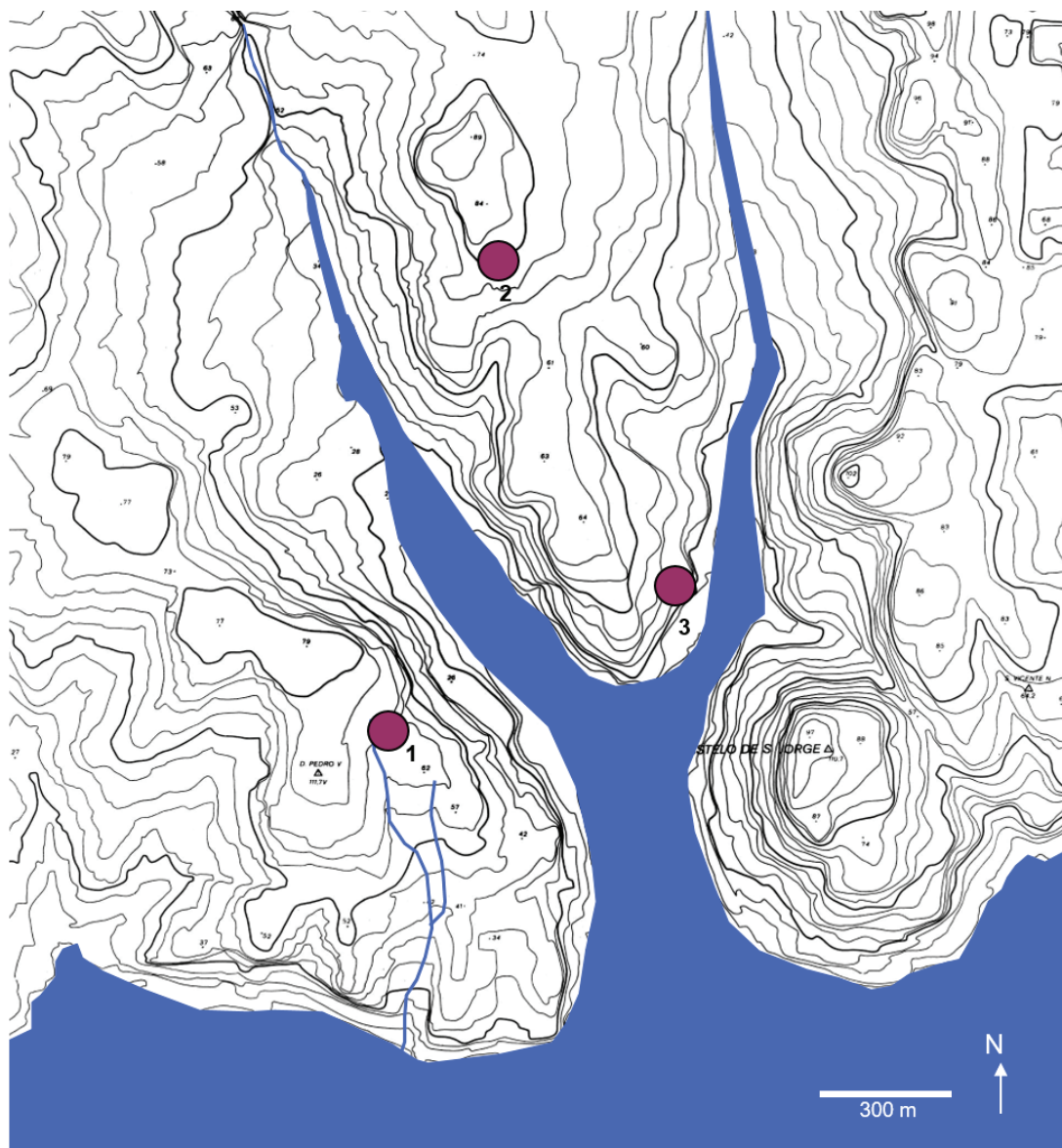


Figura 1 – Localização dos sítios mencionados no texto, sobre a área do Esteiro da Baixa (reconstituição a partir de Moitinho, 2004). 1 – Palácio dos Lumiães / Palácio Ludovice 2 – Campo dos Mártires da Pátria 3 – Encosta de Sant’Ana.

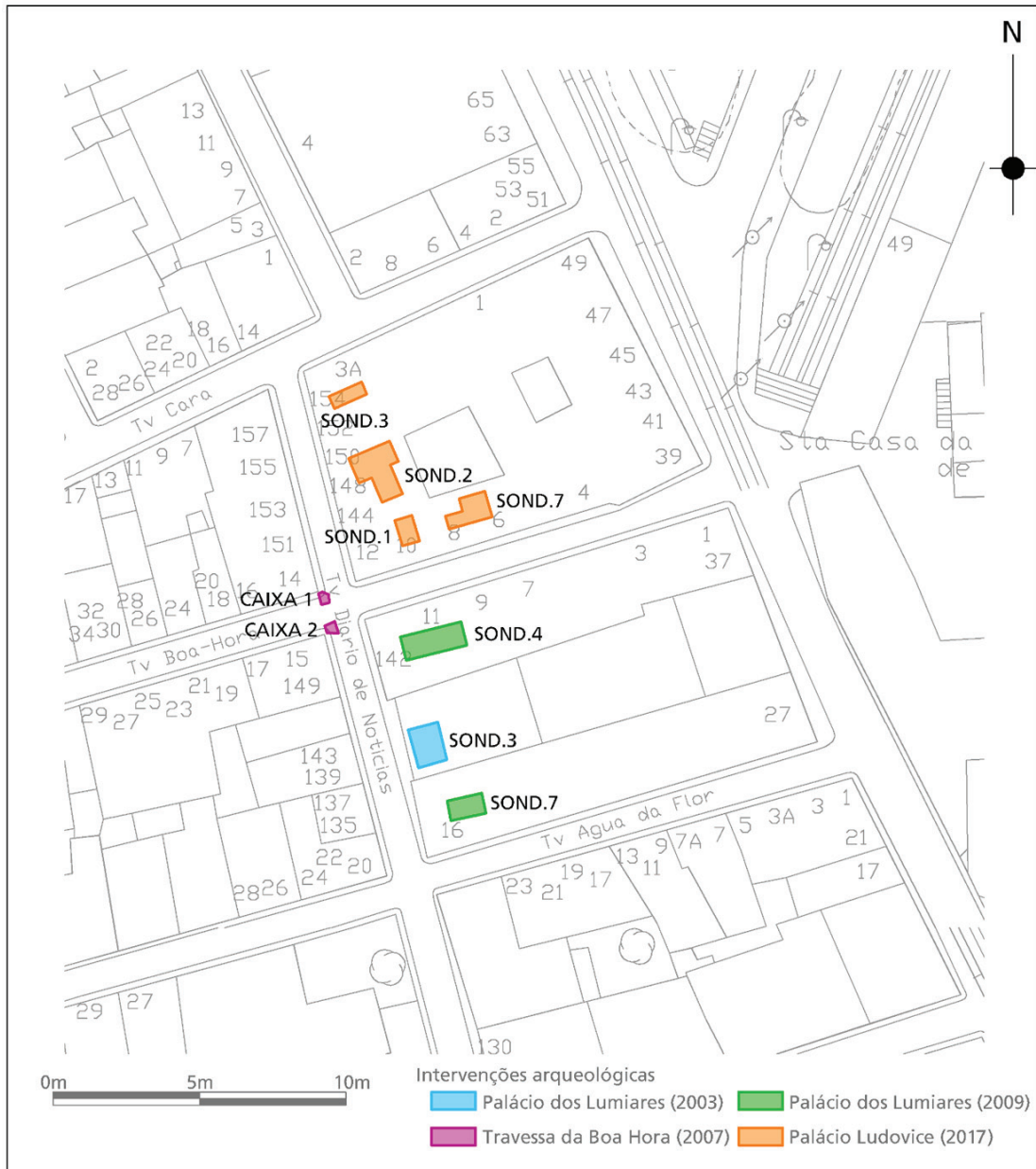


Figura 2 – Localização das intervenções arqueológicas onde foram identificados contextos conservados atribuíveis ao Neolítico Antigo (paleosolo e outras estruturas) no sítio dos Palácios dos Lumières e Ludovice.



Figura 3 – Palácio Ludovice: punhal/alabarda com três rebites.

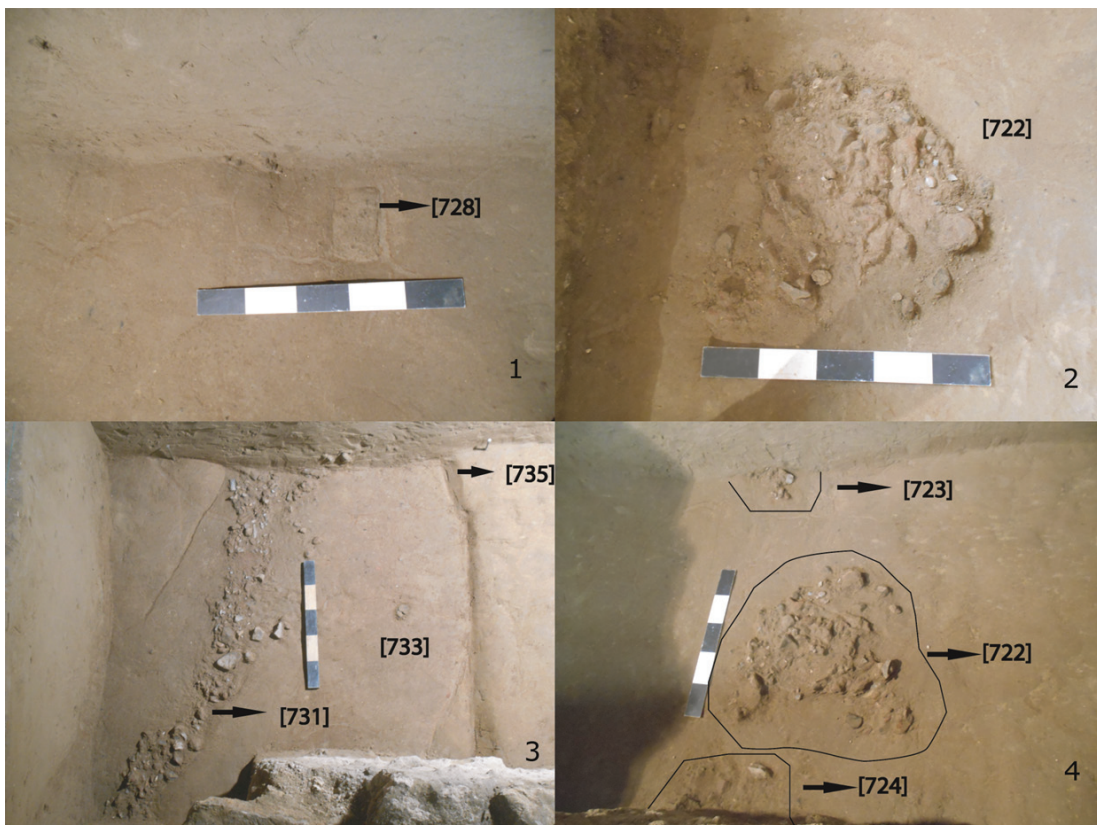
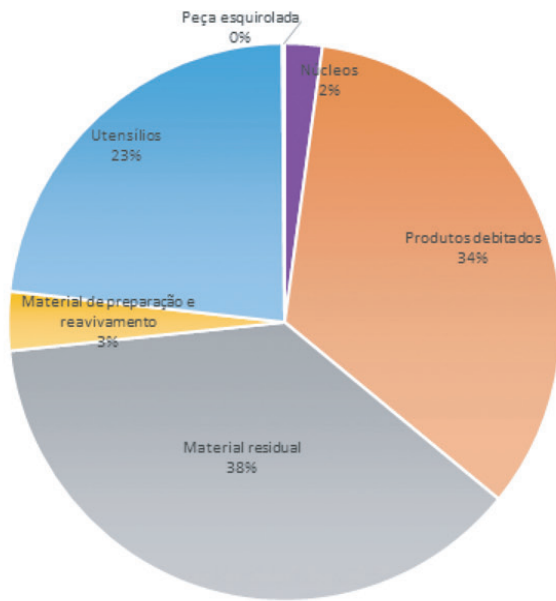


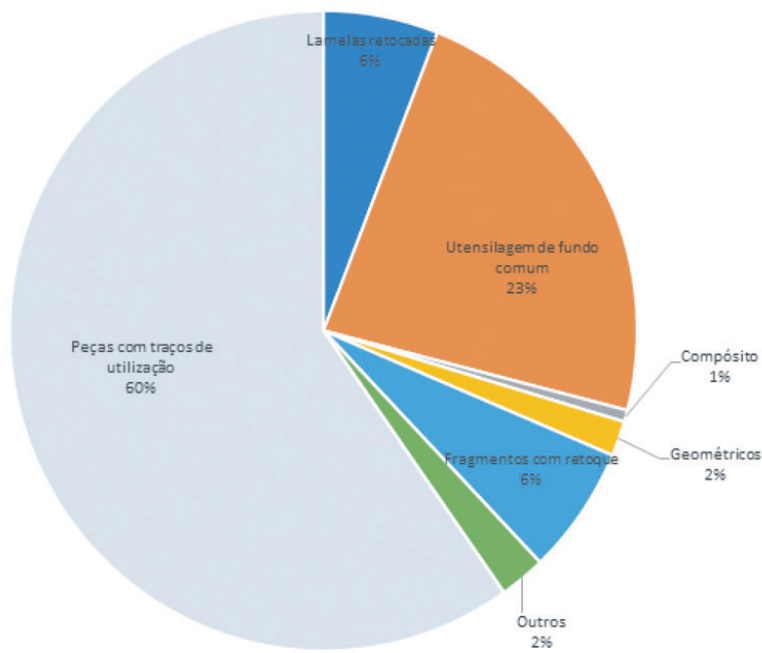
Figura 4 – Palácio Ludovice: vista das estruturas da Sondagem 7; 1. Buraco de poste; 2. Nível superior da lareira; 3. Fosso/Canal; 4. Nível inferior da lareira.

	Matéria-prima	Sílex	%	Quartzito	%	Quartzito	%	Outras	%	Total	%
Núcleos		15	93,75%	1	6,25%					16	2,08%
Produtos debitados		224	90,69%	1	0,40%	22	8,91%			247	32,12%
	Lasca	146	89,02%	1	0,61%	17	10,37%			164	66,40%
	Lamela	68	93,15%			5	6,85%			73	29,55%
	Lâmina	10	100,00%							10	4,05%
Material residual		230	83,94%	3	1,09%	34	12,41%	7	2,55%	274	35,63%
	Fragmentos	206	82,73%	3	1,20%	33	13,25%	7	2,81%	249	90,88%
	Esquirola	24	96,00%			1	4%			25	9,12%
Material de preparação e reavivamento		25	100,00%							25	3,25%
	Peça com córtex	11	100,00%							11	44,00%
	Tablette	7	100,00%							7	28,00%
	Flanco de núcleo	7	100,00%							7	28,00%
Utensílios		164	97,04%			4	2,37%	1	0,59%	169	21,98%
	Lâminas retocadas	7	100,00%							7	4,14%
	Lamelas retocadas	10	100,00%							10	5,92%
	Lascas retocadas	26	96,30%					1	3,70%	27	15,98%
	Entalhes	3	100,00%							3	1,78%
	Raspadeira	1	100,00%							1	0,59%
	Furador	1	100,00%							1	0,59%
	Compósito	1	100,00%							1	0,59%
	Geométricos	3	100,00%							3	1,78%
	Fragmentos com retoque	11	100,00%							11	6,51%
	Peças com traços de utilização	97	96,04%			4	3,96%			101	59,76%
	Outros	4	4%							4	2,37%
Peça esquirolada		1	1%							1	0,13%
Fragmentos indeterminados *		33	89,19%	1	2,70%	3	8,11%			37	4,81%
Total		692	89,99%	6	0,78%	63	8,19%	8	1,04%	769	100,00%

Tabela 1 – Distribuição do material talhado por categorias tecnológicas e matérias-primas, provenientes das U.E's [731], [723], [728], [722] e [724]. * Fragmentos indeterminados de produtos debitados.



1



2

Figura 5 – Palácio Ludovice: 1. Categorias tecnológicas em pedra lascada, provenientes das U.E's [731], [723], [728], [722] e [724]. 2. Distribuição tipológica da utensilagem.



Figura 6 – Palácio Ludovice: Pedra lascada - lâmina, lamelas, lascas e utensílios (núcleo raspadeira, furador, geométricos) e cerâmica decorada.



Figura 7 – Aspecto de duas das estruturas identificadas no Palácio José Vaz de Carvalho.



Figura 8 – Palácio José Vaz de Carvalho: cerâmica decorada calcolítica e cerâmica com elemento de prensão do Neolítico.



Figura 9 – Pedra lascada do Palácio José Vaz de Carvalho: núcleo, lamelas e lâmina, utensílios (denticulados) e lascas.



Patrocinador oficial